

	<p>GÓGOL E GIONO: <i>ALMAS MORTAS</i> <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

**N**este estudo abordaremos dois textos literários, um do russo Nikolai Gógol, *Almas Mortas* e outro do escritor francês, Jean Giono, *Les Âmes fortes*, autor que reinventou a sua região da Alta Provença numa obra que se estende ao longo de quase cinquenta anos e que tinha uma particular predilecção pelo romance-poema de Gógol que inspirará o título do seu romance<sup>3</sup>.

*As Almas Mortas* de Nikolai Gógol (1809-1852) é o romance de uma vida e acompanha o autor ao longo dos seus últimos dezassete anos, entre 1835 e 1852. O projecto inicial previa três partes, ou melhor, três tomos dos quais só dois foram escritos e um conservado. O projecto inicial transforma-se com o passar dos anos e podemos assim considerar que existe não um mas vários romances tal como não existe um mas vários Gógol, um atraído pela sátira e pelo cómico e outro dilacerado

<sup>1</sup> Texto de uma comunicação proferida no âmbito do colóquio Colóquio "O Conceito de Alma: do Antigo Egipto ao Mundo de Matrix", Universidade Aberta, Palácio Ceia, 9 de Novembro de 2013.

<sup>2</sup> Prof. Auxiliar do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta. Coordenador do curso de Licenciatura em Línguas Aplicadas da Universidade Aberta. Membro integrado do Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário da FCSH da Universidade Nova. Sócio da Associação Portuguesa de Literatura Comparada e da Associação Portuguesa de Estudos Franceses. Doutorada em Literatura Comparada pela Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle com uma tese sobre a recepção de *Madame Bovary* em Portugal, orientada pelo Prof. Daniel-Henri Pageaux.

As suas áreas de investigação estão relacionadas com a recepção da Literatura Francesa em Portugal, as adaptações e transposições de textos literários para libretos de ópera, filmes e mais recentemente banda desenhada. Desde 2009 tem-se dedicado ao estudo da obra literária e ensaística de Milan Kundera.

<sup>3</sup> A nota crítica sobre outro romance de Jean Giono, *Faust au village*, refere inclusive o apreço que tinha para com o escritor: "Gogol a les faveurs de Giono: Tourgueniev et Gogol, ce sont les deux Russes que je préfère", confie-t-il en 1953 à Jean Amrouche, et les carnets font revenir je ne sais combien de fois le nom de Tchitchikov, héros type d'une inquiétante médiocrité. *Les Ames mortes* : on peut se demander si Giono ne s'est pas borné à changer une seule lettre à ce titre pour trouver celui de l'oeuvre qui succède à *Faust au village*. ". In Giono 1980: 959.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

pelo sentimento de culpa e o desejo de redenção. Daí, ao longo de mais de um século e meio depois da publicação do primeiro tomo, uma pluralidade de leituras críticas que fazem do texto um relato satírico e realista da Rússia Czarista, um poema lírico com forte simbolismo, um panfleto revolucionário contra um país com costumes ainda feudais, um texto com forte ligação à temática do mal, do castigo e da procura da salvação. Todas estas leituras são possíveis, tanto mais que só a primeira parte, o tomo um, foi publicado integralmente, sendo só conhecidos fragmentos da segunda parte e intenções sobre a terceira. Um romance tão rico e formalmente inacabado só podia suscitar tão grande variedade de interpretações por vezes até contraditórias.

Para Gogol, o termo "alma" do título corresponde não só ao princípio espiritual do homem mas sobretudo designa a realidade jurídica dos servos. Irrisoriamente a importância social de uma personagem será proporcional ao número de almas de que é proprietário. O que é enunciado logo no *incipit* : "proprietários rurais até ao limite de cem almas"<sup>4</sup>, esta questão fulcral leva um viajante no início da obra a informar-se sobre os principais proprietários da região junto do criado de uma estalagem: "quantas almas possuía cada um deles?" O comité de censura ao examinar a obra, em finais de 1841, deteve-se no próprio título que suscitou de imediato grandes dúvidas, construído sobre um quase oxímoro surge como uma provocação por pôr em causa o dogma da imortalidade da alma. Por isso, falar da sua mortalidade é considerado um ultraje por Golokhvastov, presidente do comité de censura de Moscovo. Perante a perspectiva da publicação da obra, ele terá reagido de forma indignada, como relata Gógol numa carta a Pletnirov, de 7 de Janeiro de 1842: "... Logo que Golokhvastov, que presidia, ouviu o título, falou com a voz de um antigo romano: "Não, nunca o permitirei! A alma é imortal; não pode haver alma morta; o autor ataca a imortalidade!" Quando lhe foi explicado que o

---

<sup>4</sup> Gógol 2002: 14.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

título se referia ao duplo sentido da palavra "alma" que designa também "servo" em russo, a reacção não foi menos violenta por se considerar a obra como um ataque contra o regime: "Mais uma razão! É contra a manutenção da servidão". Foi por isso que, a 12 de Novembro de 1841, a publicação da obra foi rejeitada. Acabará, contudo, por ser editada, em 21 de Maio de 1842, depois de ter sido submetida à censura de Petersburgo que exigiu trinta Correções e a supressão de um episódio, "a história do capitão Kopéikine", militar mutilado durante a campanha de 1812 e que se transforma em chefe de um bando por falta de assistência do governo. Além destes cortes é também imposta a adição de um sobre-título limitando o carácter polissémico incomodativo do título "Almas mortas". Vladimir Nabokov num ensaio sobre Nikolai Gógol<sup>5</sup>, inicialmente publicado em 1944, assinala que esta imposição da censura continua de ter particular incidência em traduções inglesas. Exemplifica com a da editora The Reader's Club de Nova Iorque, com tradução de B. G. Guerney cujo título se afasta do original: *Viagens de Tchitchikov, ou Vida de Família na Rússia de Antigamente*.

Apesar de não ter sido esta a vontade inicial de Gógol, a obra publicada nas suas várias edições e traduções passou a adoptar o sobre-título: *As aventuras de Tchitchikov*, acrescentado no manuscrito pela mão do censor Nikitenko. É o caso da última tradução portuguesa de Nina Guerra e Filipe Guerra, editada em 2002, pela Assírio & Alvim. Semelhante sobre-título poderia levar a que romance fosse entendido como um texto algo picaresco, género apreciado pelo leitor russo da época, se não existisse um subtítulo indicando um género épico, "poema" - o autor querendo que a obra fosse entendida como um canto universal, "uma espécie de *Iliada* russa, de *Divina Comédia* da estepe", segundo o seu biógrafo Henri Troyat<sup>6</sup>. O leitor fica assim numa indecisão sobre o que legitimamente irá encontrar: tratar-se-á de um romance de aventuras ou de um longo romance-poema em prosa sobre a

<sup>5</sup> Nabokov 2007.

<sup>6</sup> Troyat 1988: 316.

	<p>GÓGOL E GIONO: <i>ALMAS MORTAS E</i> <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

alma, à maneira de *Eugénio Onéguine*, de 1833, de Puchkine, amigo de Gógol que lhe terá justamente fornecido o tema de *As Almas Mortas*? Quando empreende a obra, em Setembro de 1835, Gógol utiliza como ponto de partida a história verídica de um escroque das imediações de uma propriedade de Puchkine, em Pskov, que, aproveitando o intervalo entre dois recenseamentos (de 1815 e 1835), comprou por um preço irrisório servos mortos, entre as duas datas, e que os contratou como se estivessem vivos para efeitos de colonização das terras do sul que tinham o apoio do poder<sup>7</sup>. O propósito inicial do romance é assim um fresco não macabro mas cómico da Rússia, segundo relata a carta enviada a Puchkine, em 7 de Outubro de 1835. Durante a redacção inicial entre Vevey, na Suíça e Paris, em Novembro de 1836, o projecto transforma-se, tornando-se mais ambicioso, sobretudo depois da recepção da peça *O Inspector*<sup>8</sup> e dos equívocos que provocou. Para uns, era uma simples farsa sem pretensões, para outros era uma severa crítica da época do Czar Nicolau I e dos seus funcionários corruptos. Sentindo-se incompreendido e desejoso de ir bem para além do simples cómico gratuito, ambicionou realizar então o que ele irá chamar uma "obra completa", talvez não diferente do que Roland Barthes considerava ser o romance de Flaubert *Salammbô*, um livro total "onde se vai meter *Tudo*: o Todo da sua vida, dos seus sofrimentos, das suas alegrias<sup>9</sup>. Gógol depois de ter sido funcionário, docente e historiador queria encontrar outra forma de "servir o Estado"

<sup>7</sup> "A narração da tranqüibérnia, relata Henri Troyat na sua biografia do autor de *O Nariz*, encantou Gogol: imaginou imediatamente a comicidade macabra daquela busca de almas mortas através de todo o país. Viagens em ziguezague. Uma intriga em planos sucessivos, uma caixinha de surpresas. [...] E um título naturalmente indicado: *As Almas Mortas*. Perante tanto entusiasmo, Puchkine, sorridente, aceitou renunciar ao seu poema. [...] Delirante de gratidão, Gogol levou o precioso espólio para a sua mansarda. Atirou-se imediatamente à obra. A narração avançava a todo o galope. Mas, ao fim de algumas páginas, as dificuldades começaram. O romance era afinal mais profundo, mais complexo do que ele próprio supusera." Troyat 1980: 145-146).

<sup>8</sup> Consoante as edições e tradutores, este título surge em português como *O Inspector* ou como *O Inspector-Geral*.

<sup>9</sup> *Salammbô* est un livre-somme, l'expression est de Barthes qui indique que dans ce genre d'oeuvre "l'on va mettre *Tout* : le Tout de sa vie, de ses souffrances, de ses joies". In Barthes 2003 : 248.

	<p>GÓGOL E GIONO: <i>ALMAS MORTAS E</i> <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------


e para isso devia afastar-se paradoxalmente da sua terra natal para melhor reflectir sobre a obra futura. É assim que justifica a sua partida em Junho de 1836 e as suas viagens pela Alemanha, Suíça e França. Nesse mesmo ano é impedido de ir até Itália por causa da epidemia de cólera, um dos surtos epidémicos da década de 1830 será inclusive retratado por Jean Giono no seu *Hussardo no Telhado* que se passa em França perto do Piemonte. Posteriormente, será em Roma que Gógol encontrará a paz interior para avançar na obra mas vê-se interrompido no seu *élan* criador por depender economicamente da generosidade de amigos. Gógol interrompe a primeira estadia italiana para poder acompanhar um dos seus generosos mecenas e família de regresso à Rússia. A sua correspondência ilustra como a cidade eterna lhe é essencial para continuar a escrita de *Almas Mortas*, segundo as súplicas endereçadas tanto a Pogodine como a Jukovsky, em carta de 4 de Janeiro de 1840.

Convinha-me partir, escreve ele a, o mais depressa possível para Roma, onde a minha alma mortalmente ferida ressuscitará como já ressuscitou no Inverno passado, a fim de me atirar valentemente ao trabalho e, se possível, terminar o meu romance dentro de um ano. Eis o que eu imagino: tratai de reunir dinheiro, vós outros que me sois sinceramente dedicado, cotizando-vos para o efeito; reuni uma soma de 4000 rublos e emprestai-ma por um ano.<sup>10</sup>

Gógol, relatando a Puchkine a leitura que fez dos primeiros capítulos de *Almas Mortas*, regista que, depois de inicialmente ter provocado o riso, rapidamente viu o grande poeta ficar sombrio. "Quando terminei a minha leitura, escreve Gógol, o poeta proferiu com uma entoação melancólica: "Meu Deus, como a nossa Rússia é triste!"<sup>11</sup>. Esta apreciação do poeta terá de tal forma marcado o romancista que, depois da morte de Puchkine em Fevereiro de 1837, considerou do seu dever continuar o legado do mestre. A redacção de *Almas Mortas* será atravessada, como se pode constatar na sua correspondência, por fases de desencorajamento e dúvidas,

<sup>10</sup> Carta citada por Troyat 1980: 273-274.

<sup>11</sup> *Passagens escolhidas da minha Correspondência com os meus Amigos*, capítulo XVIII, citado por Troyat 1980: 194.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

problemas de saúde e a morte de vários amigos próximos, nomeadamente do jovem conde Joseph Vielgorski, em 1839. A doença e as perdas acentuam no escritor o sentimento da transitoriedade da vida e a convicção de depender da vontade divina. A primeira parte de *Almas Mortas*, finalmente acabada em Agosto de 1841 é publicada, suscitando as mesmas paixões e incompreensões que o *Inspector*. Interrogam-se ainda hoje os críticos se não terá sido esta recepção contrastada que terá levado o escritor a não publicar a segunda parte, que ele irá inclusive destruir pelo fogo num gesto de purificação, pouco tempo antes de morrer em 1852. Este aliás não terá sido o único "auto-de-fé", assim a redacção da segunda parte, ao longo de uma década, é tormentosa e feita de dúvidas que levam inclusive - durante uma estadia numas termas alemãs onde aproveita para se dedicar a práticas e leituras religiosas - à destruição pelo fogo do fruto de cinco anos de árduo trabalho, em Junho ou Julho de 1845.

Foi duro queimar o trabalho de cinco anos, realizado à custa de uma tensão tão nefasta para a minha saúde que cada linha me foi causa de um abalo, e que continha muitas das melhores meditações da minha alma, [...] Mas tudo foi queimado, e isto num momento em que, vendo a morte à minha frente, eu tanto desejava deixar ao menos alguma coisa que desse de mim uma melhor ideia. Agradeço a Deus ter-me dado a força para executar essa acção. Logo que a chama consumiu a última folha do meu manuscrito, o seu conteúdo ressuscitou sob uma forma luminosa e depurada, [...] e vi de repente em que desordem se encontrava o que eu tinha julgado ordenado e harmonioso. A publicação do segundo volume, no estado em que se encontrava, teria feito mais mal do que bem...<sup>12</sup>

A sua correspondência regista os tormentos por que passa, o "caos do qual deverá sair a criação das *Almas Mortas*". Sente-se recompensado, contudo, pelos segredos da "Criação divina" que se lhe abrem perante os olhos e acompanha o seu trabalho de escritor pela leitura de textos sagrados e de obras de teologia. As

<sup>12</sup> *Passagens escolhidas de minha Correspondência com os meus Amigos*, cap. XVIII, citado por Troyat 1980; 414.

	<p>GÓGOL E GIONO: <i>ALMAS MORTAS E</i> <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

preocupações religiosas ocupam de tal forma a sua mente que envia aos amigos, que aguardavam a continuação do romance, não a segunda parte de *Almas Mortas* mas *A Imitação de Cristo*, de Tomás Kempis, em Janeiro de 1844, como prenda de Ano Novo. Recomenda aos amigos Aksakov, Chevyrev e Pogodine, na carta que lhes dirige colectivamente, a leitura e meditação de *A Imitação*: "Lede todos os dias um capítulo dessa obra; um só. [...] Depois da leitura, meditai o texto."<sup>13</sup> Seguiram-se outros envios, nomeadamente de um esboço de prefácio à segunda parte onde declarava erradas muitas descrições da primeira, "pouco conformes à realidade russa". A existir uma falta de conformidade à realidade, ela também se deve ao facto de Gógol ter passado parte da sua breve vida em viagens mais ou menos longas pelo estrangeiro. Aliás, o autor declarava que só quando se encontrava fora da sua terra natal era capaz de rerepresentá-la através da sua obra, como afirma numa carta a Pletnev de 17 de Março de 1842: "Está na minha natureza não poder representar-me o mundo vivo senão sob a condição de me afastar dele. É por isso que só em Roma sou capaz de escrever sobre a Rússia..."<sup>14</sup> Esta vontade de criar uma distância entre o autor e o objecto representado tem como corolário um desconhecimento do escritor em relação à Rússia descrita em *Almas Mortas*, tal como o afirma de forma lapidar e algo cruel Nabokov.

Oito semanas numa estalagem de Podolsk, uma semana em Kursk, o resto viu-o da janela da carruagem, e a tudo isto acrescentou as recordações da sua juventude essencialmente ucraniana passada em Mirgorod, Nejin, Poltova, todas elas cidades muito distantes do itinerário de Tchítchikov.<sup>15</sup>

Noutra ocasião, Gógol surpreendeu os seus correspondentes com exortações, instigando-os a se redimirem. Estas preocupações estão bem patentes nalguns fragmentos da segunda parte que subsistiram à destruição pelo fogo. Os apoiantes

<sup>13</sup> Citado por Troyat 1980: 394.

<sup>14</sup> Troyat 1980: 321.

<sup>15</sup> Nabokov 2007: 78.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

do escritor perplexos ao lerem numa revista excertos de uma colectânea que entretanto escrevera, *Passagens escolhidas de Uma Correspondência com Amigos*, condenam-no por ter renegado as suas antigas ambições e preferir adoptar o papel de pregador. Biéliniski, que outrora definira Gógol como sendo "o riso através das lágrimas", resume a críticas numa carta, de 8 de Junho de 1847, onde acusa Gógol de se ter tornado "um apóstolo da ignorância, campeão do obscurantismo, panegirista dos costumes tártaros."<sup>16</sup> É lhe mesmo dado a alcunha displicente de "Tartufo Vassílievitch" por querer reescrever *O Inspetor* dando-lhe um desfecho alegórico e místico e dar uma continuação redentora ao romance *Almas Mortas*. Depois de uma viagem ao Oriente que o leva nomeadamente a Jerusalém, em finais de 1848, confessa ao padre Mateus Constantinovsky a intenção de terminar o romance como um hino à Rússia ortodoxa.

Inicialmente sátira, o romance recorre à distorção e degradação das personagens. O processo estilístico da animalização pode, em última análise, corresponder à desumanização das personagens corroídas pela ambição e a sua perda da alma, os protagonistas da narrativa ficando literalmente desalmados. Logo no primeiro capítulo quando o escroque Tchítchikov vai a uma festa na casa do governador, é estabelecida uma equivalência entre os convidados vestidos de fraques negros e as moscas que esvoaçam pelo salão: "Aqui e ali esvoaçavam solitárias ou aos bandos as casacas pretas, como moscas sobre o pão-de-açúcar"<sup>17</sup>. A equivalência é total quando, umas linhas adiante, surgem os verdadeiros insectos: "eis os esquadrões aéreos de moscas, erguidos no ar leve, a entrarem afoitamente como donos de pleno direito". No capítulo 6, os nomes de uma lista de servos mortos são comparados a moscas, "Os nomes dos camponeses recheavam como moscas uma folha inteira."<sup>18</sup> Da mesma forma que se assiste a uma animalização das

<sup>16</sup> Em carta traduzida para francês por Troyat 1980: 470.

<sup>17</sup> Gógol 2002: 22.

<sup>18</sup> Gógol 2002: 165.



	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

personagens também noutros momentos do romance estabelece-se uma equivalência entre as coisas e os seres como quando Tchitchikov visita a casa de Sobakevitch (o nome desta personagem, como de muitas outras no romance, surge quase como uma alcunha depreciativa ao ser formado a partir da palavra "sobaka" que significa cão). Ao observar a sala onde se encontra a personagem nota mentalmente: "tudo sólido e extremamente desajeitado, com uma estranha parecença com o dono da casa; num canto uma escrivaninha pançuda de noqueira [...]. A mesa, as poltronas, as cadeiras – tudo parecia dizer: "Também sou Sobakévitch" ou: "Também eu me pareço muito com Sobakévitch"<sup>19</sup> Esta equivalência entre um protagonista e os móveis que possui participa de uma desumanização, de uma coisificação dos seres que, de certa forma, lhes retira a alma. Neste mesmo capítulo V, o autor vai ainda mais longe na descrição da feição de Sobakévitch: "Parecia que naquele corpo não havia alma ou que, então, se a havia, ela estava nalgum outro lugar, tal como o bruxo Kochei Imortal escondera a sua atrás dos montes sob uma carapaça tão grossa que mexer no fundo dessa alma não produzia qualquer efeito à superfície."<sup>20</sup>


A visita que Tchitchikov faz a proprietários para tentar convencê-los a venderem-lhe servos mortos permite revelar a relação que têm para com as almas mortas dos seus mujiques e o desprezo que nutrem para com as almas dos vivos. Um dos proprietários, Nozdref, propõe jogar às cartas e depois às damas as almas dos servos. Sobakievitch, quanto a ele, promove a qualidade dos seus servos mortos, regateando o seu preço: "Francamente, para si uma alma humana vale menos que um nabo. Dê ao menos os três rublos!"<sup>21</sup>

Muito cedo, críticos como Herzen no seu *Diário*, em 25 de Junho de 1852, assinalaram o parentesco entre a *Divina Comédia* de Dante e as *Almas Mortas*.

<sup>19</sup> Gógol 2002: 128.

<sup>20</sup> Gógol 2002: 134.

<sup>21</sup> Gógol 2002: 139.

	<p>GÓGOL E GIONO: <i>ALMAS MORTAS E</i> <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

Assim, no capítulo VII da primeira parte onde o jovem que acompanha Tchítchikov no tribunal é comparado a Vergílio guiando a personagem de Dante no Inferno.

[...] um dos sacerdotes de Témis que estava ali por perto e fazia sacrifícios à deusa com tanta aplicação que ambas as suas mangas se tinham rasgado nos cotovelos deixando sair o forro pelos buracos, sacrifícios pelos quais mereceu, no devido tempo, a graduação de registador de colégio, e que prestou aos nossos amigos o mesmo serviço que outrora prestara Virgílio a Dante e levou-os para a sala de audiências<sup>22</sup>.

Neste episódio, o autor insiste, algumas linhas adiante, na comparação, indicando assim que não é meramente fortuito: "Neste lugar, o novo Virgílio".

O protagonista central do romance pode ser interpretado como um exemplo de um tipo de novo homem na Rússia czarista por volta de 1840: o aristocrata que se lança no capitalismo agrário. O crítico Claude de Grève, na apresentação da tradução de Marc Séménoff para a coleção francesa Garnier Flammarion, interroga-se desta forma: "Não se poderia pensar que Tchítchikov incarna uma tendência ocidentalizante que o afasta da sua vocação? Ou ainda uma antecipação de todas as formas mais cruéis do capitalismo russo e estrangeiro?"<sup>23</sup> No final do capítulo XI que encerra o tomo I, o narrador confirma a hipótese de uma universalidade da personagem criada por Gógol.

E haverá entre vós alguém que, a transbordar de resignação cristã, não em público, mas no silêncio da solidão, na hora das conversas privadas consigo mesmo, mergulhará nas profundezas da sua alma com esta pergunta difícil: "Não terei eu próprio alguma coisa de Tchítchikov?"<sup>24</sup>

Neste sentido, podemos admitir que ao generalizar o caso do seu herói ao conjunto dos seus leitores russos, Gógol não estará insidiosamente a admitir que a degradação

<sup>22</sup> Gógol 2002: 189-190.

<sup>23</sup> Tradução livre de: "Tchitchikof incarne un *aspect* du développement de la Russi, c'est-à-dire une tendance occidentalizante qui l'éloigne de sa vocation ? Ou encore une anticipation de toutes les formes les plus cruelles du capitalisme russe et étranger ?" Gogol 1990 : 48.

<sup>24</sup> Gógol 2002: 324.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

moral que se assiste em Tchítchikov não o tornou também metaforicamente uma alma morta e a população russa, um conjunto de almas mortas. Podemos assim melhor entender a exortação deixada em testamento aos seus amigos, aquando da sua morte em 4 de Março de 1852: "Não sejais almas mortas, mas sim almas vivas".

### *As Almas Fortes*

Jean Giono acusado de pacifismo e de derrotismo antes da Segunda Guerra Mundial – fez tudo que estava ao seu alcance como muitos intelectuais e artistas franceses para a evitar - e depois da guerra, injustamente suspeito de colaboracionismo, sai amargurado destas experiências que o conduziram à prisão. Romancista telúrico, panteísta e solar antes da guerra, apregoando os valores da proximidade com a natureza, ele vai, depois da guerra, transformar-se progressivamente num escritor dilacerado, tendo perdido a fé que tinha na humanidade. A partir dessa altura, as temáticas abordadas serão bem mais sombrias levando a crítica a falar inclusive de uma segunda maneira de escrever em Giono, ignorando que em germe já existiam questões como a morte violenta, a doença, a crueldade, o aborrecimento existencial: "o sangue é o único divertimento" escreverá Giono em *Un roi sans divertissement*. Para compor o romance *Les Âmes fortes*, romance infelizmente não traduzido para português, o romancista francês inspirou-se para o título, numa máxima do marquês de Vauvenargues (1715-1747) proveniente da sua obra, *Réflexions et maximes*, editada pela primeira vez em 1746: "O que constitui vulgarmente uma alma forte é que ela é dominada por alguma paixão ativa e corajosa"<sup>25</sup>. O pensamento de Vauvenargues reabilitando o homem e as grandes paixões será seguido por Stendhal de que é grande admirador Giono. O título do romance de Giono surge quase como uma antítese do de Gógol: tendo as

<sup>25</sup> 588. [Ce qui constitue ordinairement une âme forte, c'est qu'elle soit dominée par quelque passion altière et courageuse, à laquelle toutes les autres, quoique vives, soient subordonnées ; mais je ne veux pas en conclure que les âmes partagées soient toujours faibles ; on peut seulement présumer qu'elles sont moins constantes que les autres.] Vauvenargues 1857 : 456.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

heroínas do romance francês implicitamente, e de forma singular através das suas paixões, seguido o conselho do autor do *Capote*: "Não sejas almas mortas, mas sim almas vivas". O título, segundo Claudine Chonez na biografia intitulada *Giono* para a colecção "Écrivains de toujours" da editora Seuil, terá sido directamente inspirado da obra de Gógol, autor que consta da lista de escritores que relê regularmente e nomeadamente *Almas Mortas*, inclusive entre o título em francês da obra de Gógol e o do romance de Giono só existe uma letra de diferença<sup>26</sup>.

*Les Âmes fortes* é publicado, cerca de um século depois de *Almas Mortas*, em 1950. O romance francês, que faz parte de um ciclo de crónicas, além de recordar o título do texto de Gógol, partilha com ele algumas semelhanças. O relato de uma burla, a descrição de uma sociedade provinciana e conservadora e por fim a denúncia de seres tão mais medíocres que contrastam com o carácter de uma "alma forte", o da Sra. Numance. No seu prefácio às *Chroniques romanesques*, em 1962, Giono que foi muitas vezes considerado um escritor regionalista da Provença recusa esta designação e tenta levantar o equívoco: "Tratava-se para mim de compor crónicas, ou a crónica, ou seja todo o passado de pequenas histórias e de recordações, deste "sul imaginário" do qual tinha, nos meus romances anteriores, composto a geografia e os caracteres. Digo "Sul imaginário" e não Provença simplesmente.<sup>27</sup>" Assim sendo, e se acreditarmos nesta afirmação do escritor, o sul da França que descreve é uma região tão imaginaria como o era a Rússia de Gógol apesar de parte dos topónimos corresponderem à realidade. Assim, se existe efectivamente uma localidade chamada Percy, ela não tem nem nunca teve nenhum castelo. *Les Âmes fortes*, intitulado inicialmente "La Veillée", "O Velório", devia ser um curto texto, de uma vintena de páginas, iniciado em 27 de Dezembro de 1948.

<sup>26</sup> Chonez 1981 : 62.

<sup>27</sup> Tradução livre de: "Il s'agissait pour moi de composer les chroniques, ou la chronique, c'est-à-dire tout le passé d'anecdotes et de souvenirs, de ce " Sud imaginaire " dont j'avais, par mes romans précédents, composé la géographie et les caractères. Je dis bien " Sud imaginaire ", et non pas Provence pure et simple. "

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

Numa entrevista a Lucie e Robert Ricatte, em Agosto de 1955, Giono indica como transformou um texto curto num romance de várias centenas de páginas.

Entre as mulheres que conversavam durante o velório, deveria haver uma que relatava a sua vida. A história dessa mulher... Disse para comigo: "O teu romance, não está acabado. Apenas começou." Recomecei, assim, sem saber onde ia. Fiz falar a mulher e depois outra que contava a mesma história, mas totalmente diferente. Pouco a pouco a Sra. Numance introduziu-se na história não sei como.<sup>28</sup>

O romance de Giono estrutura-se de forma polifónica, característica da crónica que tem uma forte presença oral onde alternadamente surgem as vozes das personagens, do narrador e através dele do autor. A escrita fala com o "sotaque" do sudeste e enche-se de regionalismos, por vezes pela voz do contista Giono que sabe tão bem seduzir o seu auditório, outras vezes pela voz de populares que trivializam a fala. O romance começa em torno de um acto social, o velório de um morto, Albert, no sudeste da França, em Trièves (Lalley) na Drôme, em 1949. Nessa noite de inverno as mulheres presentes para se aquecerem vão beber e comer. Esquecendo aparentemente onde estão, as línguas viperinas libertam-se e assiste-se desta forma progressivamente a um verdadeiro fresco da sociedade alpina que se transforma ao longo de cerca de seis décadas, passando da diligência à construção da primeira linha ferroviária e o período da ocupação nazi. A crónica começa por ser interpretada por um coro de mulheres que fala das suas histórias antes do de Thérèse, quase nonagenária, se impor, contando todavia com o questionamento constante de outra mulher. Esses diálogos acabam por lembrar os do amo e do criado de *Jacques le fataliste*, de Diderot.

- Fala-nos ainda de Clostre!

<sup>28</sup> Tradução livre de: "Parmi ces femmes qui bavardaient à la veillée, il devait bien y avoir une qui racontait sa vie. L'histoire de cette femme... Alors je me suis dit: "Ton roman, il n'est pas fini. Il est à peine commencé." J'ai recommencé, comme ça, sans savoir où j'allais. J'ai fait parler la femme et puis une autre qui racontait la même histoire, mais toute différente. Peu à peu Mme Numance s'est glissée dans l'histoire je ne sais comment. " in Giono 1980 : 1010-1011.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

- Mas ainda não estamos em Clostre! Deixa-me ainda um pouco nessa estalagem.

- Deixo-te aí o tempo necessário mas o que é que fazias em Clostre [...]?

Thérèse, a narradora principal, conta a vida dos Numance, que foram seus amos, de Bernard nascido em 1813 e sobretudo de Sylvie em 1817, modelo e mentora de Thérèse. Em contraponto ao relato principal intervém uma das comadres presentes que contradiz – ao leitor não é dado a conhecer a sua identidade por ser unicamente designada como "le contre" ("o contra"), dá outra perspectiva ou completa o relato principal. Assim, a história de Thérèse constrói-se de forma fragmentária, labiríntica, lacunar com zonas de sombra conscientes ou não, propondo a visão de uma alma dificilmente inteligível apesar do sucessivo inquérito que desvenda parcelas de uma vida atribulada atravessada por vários calculismos e dominada por uma paixão, a da sua mentora. O romance conduzido quase como um inquérito policial, ao tentar esclarecer as zonas obscuras da vida de quatro personagens, tem muito a ver com outra obra inserida neste ciclo de crónicas, *Le Moulin de Pologne*, onde a verdade se desvenda progressivamente. Contudo, ao terminar a leitura das várias versões das vidas dos Numance e do casal Thérèse/Firmin, o leitor fica sem saber qual é a verdadeira, se é que ela existe, a recursividade anulando progressivamente a veracidade das versões, tal como acontece na peça de Luigi Pirandello, *A cada um a sua verdade*.

A sociedade rural de finais do século XIX e da primeira metade do século XX descrita no romance é profundamente mesquinha e dominada por interesses materiais e nesse sentido não muito distante da sociedade russa do século XIX de Gógol. Grassa como no romance russo um imoralismo escondido atrás das convenções, é o que é dito por uma das personagens: "desde que seja cristão, tem-se o direito de fazer tudo. Serás julgado. Então não te privas"<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Tradução livre de : " Moi j'estime : du moment qu'on est chrétien, on a le droit de tout faire. Tu seras jugée. Alors ne te prive pas. C'est de la banque. "

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

Quase no fim do romance, Giono justifica o porquê de Thérèse ser uma alma forte, explicando que não é nem na virtude nem na razão que tira essa força:

[...] o que fazia a força da sua alma era por ter, uma vez por todas, encontrando uma conduta, uma "*marche à suivre*" (em itálico no próprio texto). Seduzida por uma paixão, tinha concebido planos tão largos que ocupavam todo o espaço da realidade [...]. A verdade não contava. Nada contava excepto ser a mais forte e gozar da livre prática da sua soberania. Ser *terra a terra* era para ela uma aventura mais rica que a aventura celeste para outros. Satisfazia-se de ilusões como um herói.<sup>30</sup>


Para além das notáveis diferenças entre os dois romances como acabámos de ver, nos temas e na escrita, surge a interrogação que merecerá seguramente outros estudos a desenvolver, que Jean Giono é o herdeiro simultaneamente de Stendhal, filiação reivindicada pelo romancista e reconhecida pela crítica, mas também de forma mais longínqua do russo Gógol.

#### Fontes bibliográficas

BARTHES, Roland. 2003. *La préparation du roman I et II, Notes de cours et de séminaires au Collège de France, 1978-1979 et 1979-1980*. Texte établi, annoté et présenté par Nathalie Léger. Paris : Seuil/IMEC,

CHONEZ, Claudine. 1981. *Giono*. Paris : Éditions du Seuil, col. Microcosme, Écrivains de toujours.

<sup>30</sup> Tradução livre de : " Ce qui faisait la force de son âme, c'est qu'elle avait, une fois pour toutes, trouvé une *marche à suivre*. Séduite par une passion, elle avait fait des plans si larges qu'ils occupaient tout l'espace de la réalité [...]. La vérité ne comptait pas. Rien ne comptait que d'être la plus forte et de jouir de la libre pratique de la souveraineté. Être *terre à terre* était pour elle une aventure plus riche que l'aventure céleste pour d'autres. Elle se satisfaisait d'illusions comme un héros." Giono 1980 : 451.

	<p>GÓGOL E GIONO:  <i>ALMAS MORTAS E</i>  <i>ALMAS FORTES</i></p>	<p>Luís Carlos Pimenta Gonçalves          Universidade Aberta</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

**GIONO, Jean. 1980. *Oeuvres romanesques complètes, vol. V.* Edition établie par Robert Ricatte avec la collaboration de Pierre Citron, Henri Godard, Janine et Lucien Miallet et Luce Ricatte. Paris : Gallimard, coll. Bibliothèque de la Pléiade.**

**GOGOL, Nicolas. 1990. *Les Âmes mortes, Poème.* Édition établie par Claude De Grève. Paris: GF Flammarion. Trad. de Marc Séménoff.**

**GÓGOL, Nikolai. 2002. *Aventuras de Tchitchikov, Almas Mortas, Poema.* Lisboa: Assírio & Alvim. Trad. do russo por Nina Guerra e Filipe Guerra.**

**NABOKOV, Vladimir. 2007. *Nikolai Gogol.* Lisboa: Assírio & Alvim. Trad. de Carlos Leite.**

**TROYAT, Henri. 1980. *Gogol.* Porto: Lello & Irmão Editores. Trad. de A. Guimarães.**

**VAUVENARGUES. 1857. *Oeuvres, édition nouvelle précédée de l'éloge de Vauvenargues couronné par l'Académie française et accompagnée de notes et commentaires par D.-L. Gilbert.* Paris : Furne et Cie, éditeurs.**